

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PÚBLICA PARA OS FILHOS DA CLASSE TRABALHADORA

RUBIARA ANDRESSA GONÇALVES¹

ERALDO LEME BATISTA²

RESUMO: O presente trabalho analisa, a partir de estudos e pesquisas, a importância da escola pública estatal da educação básica para a formação dos filhos da classe trabalhadora. Em primeiro lugar, fizemos uma análise teórica sobre o tema, utilizando postulados de pesquisadores que vêm se debruçando sobre essa temática, partindo do método materialista e dialético. Realizamos um estudo bibliográfico para demonstrar que a escola pública básica e estatal é fundamental para o acesso dos filhos da classe trabalhadora, espaço em que o mesmo deve aprender o conhecimento científico, fundamental para a sua formação humana. Sem essa escola, os filhos da classe trabalhadora estariam excluídos da educação formal, tendo em vista que não tem condições financeiras de arcar com os custos de uma escola privada.

Palavras-chave: Pedagogia histórico-crítica. Escola pública estatal. Educação omnilateral.

SCHOOL OF PUBLIC IMPORTANCE FOR CHILDREN WORKING CLASS

ABSTRACT: This paper analyzes from studies and research, the importance of state public school of basic education for the training the working class' children. First, we did a theoretical analysis on the topic, using assumptions of researchers who have been leaning on this issue, based on the materialist and dialectical method. We performed a literature study to demonstrate that the state basic public school is fundamental to access the children of the working class, the space in which it must learn scientific knowledge, fundamental to their human formation. Without this school, the children of the working class would be excluded from formal education, with a view that cannot afford to bear the costs of a private school.

Keywords: Historical-critical pedagogy. State public school. Omnilateral education.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

² Doutor em Educação. Docente na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE- eraldo_batista@hotmail.com.

LA IMPORTANCIA DE LA ESCUELA PÚBLICA PARA LOS HIJOS DE LOS TRABAJADORES

RESUMEN: En este trabajo se analiza, a partir de estudios e investigaciones, la importancia de la escuela pública del estado de la educación básica para la formación de los hijos de la clase trabajadora. En primer lugar, se realizó un análisis teórico sobre el tema, utilizando postulados de investigadores que se apoyaron sobre ese tema, basándose en el método materialista y dialéctico. Se realizó un estudio de la literatura para demostrar que la escuela pública básica y del estado es fundamental para el acceso de los hijos de la clase trabajadora, espacio en el que el mismo debe aprender los conocimientos científicos, fundamentales para su formación humana. Sin esa escuela, los hijos de la clase trabajadora estarían excluidos de la educación formal, teniendo en cuenta que no puede asumir los costes de una escuela privada.

Palabras clave: Pedagogía histórico crítica. Escuela pública del Estado. Educación omnilateral.

Introdução

Para a produção deste texto, foi fundamental o estudo de pesquisadores comprometidos com a luta por uma educação básica estatal voltada para a formação omnilateral do ser humano. Nesse sentido é que nos reportamos aos autores que consideramos relevantes para a produção científica no campo da educação e por seus estudos estarem referendados no materialismo histórico dialético.

Entendemos que esses autores contribuem para ampliarmos a compreensão sobre a importância da escola pública para a sociedade, principalmente para os filhos da classe trabalhadora. Dentre esses autores, destacamos Dermeval Saviani, pois sua obra nos ajuda a entender as teorias pedagógicas consideradas conservadoras e a conhecer a sua proposta pedagógica, que tem como objetivo fundamental formar o ser humano em sua plenitude, via transmissão do conhecimento historicamente construído pela humanidade.

Para chegar aos dias atuais, esse estudioso fez importante pesquisa sobre a história da educação no Brasil, em que aponta que, no princípio, ela era hegemônica pela influência da pedagogia tradicional, orientada pela igreja católica, especialmente por meio do trabalho dos missionários da Companhia de Jesus (Jesuítas) que conduziram a educação na colônia até 1759, quando foram expulsos pelo Marques de Pombal. Discorrendo ainda sobre a educação no Brasil, Saviani nos informa que no início do século XX surge no país um movimento educacional intitulado de Escola Nova, que se tornou hegemônico e tinha sua inspiração na “concepção humanista

moderna de filosofia da educação” (SAVIANI, 2007a, p. 49).

Ao analisar esta concepção pedagógica, Saviani (2007a, p. 49) afirma que “quanto mais se falou em democracia no interior da escola menos democrática ela foi, e quanto menos se falou em democracia mais ela esteve articulada com a construção de uma ordem democrática”. Quando o autor assevera que “quanto menos se falou em democracia mais ela esteve articulada com a construção de uma ordem democrática” se refere à pedagogia da essência, pela qual a burguesia criou os sistemas nacionais de ensino e “colocou a escolarização como uma das condições para a consolidação da ordem democrática” (SAVIANI, 2007a, p. 49).

O Manifesto dos Pioneiros foi resultado de muitos debates sobre os rumos da educação no país, ganhando adesão de importantes intelectuais educadores daquele período histórico, que lançaram em 1932 o referido manifesto, conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Esse movimento ganhou força política polarizando o embate com os intelectuais vinculados à igreja católica. Ao analisar esses embates, Saviani observa que:

[...] em 1934, com as discussões em torno da Constituição, polarizam-se as posições no âmbito da educação entre os liberais, representados pelos escolanovistas, e os católicos, que defendiam a posição tradicional em educação. Por ocasião da primeira LDB, essa polêmica foi retomada, no final da década de 1950, assumindo novos contornos quando da discussão e votação da Constituição de 1988 (SAVIANI, 2005, p. 89).

Ao estudarmos a história da educação do Brasil, verificamos que em 1946 foi promulgada uma nova Constituição para o país, a qual estabelecia que seria de responsabilidade da União fixar as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse mesmo período a igreja católica alterou suas orientações para a educação, buscando com isto renovar-se e, de certa forma, acabou sendo influenciada pelo escolanovismo. Nesse contexto de disputa por hegemonia no campo educacional, a igreja católica se organizou. De 1955 a 1957, por exemplo, “[...] a Igreja organiza as Semanas de Educação, traz o Padre Pierre Faure, da França, que divulga aqui as ideias de Lubienska, associadas a Montessori, representantes, portanto, da Escola Nova” (SAVIANI, 2005, p. 89).

A partir dos estudos que realizamos da obra de Dermeval Saviani, verificamos que a Escola Nova entrou em crise na década de 1960, sendo que seu enfraquecimento naquele período histórico contribuiu para o fortalecimento de outra tendência educacional, a pedagogia tecnicista defendida pelos militares que deram o golpe militar em 1964. A concepção pedagógica

tecnicista tornou-se hegemônica, principalmente após a promulgação da Lei n. 5.540, de 1968, que reestruturou o ensino superior no país, alterando também o curso de pedagogia, por meio do Parecer 252/69 que, no entender de Saviani (2005, p. 90): “[...] O curso é organizado mais à base de formação de técnicos e de habilitações profissionais e reflui aquela formação básica, formação geral, que era a marca anterior do curso de Pedagogia”, demonstrando a influência tecnicista presente.

Ao desenvolver uma análise sobre a educação no regime militar (1964-1985), Saviani entende que em 1970 este regime:

[...] tenta implantar uma orientação pedagógica inspirada na assessoria americana, através dos acordos MEC-Usaid, centrada nas ideias de racionalidade, eficiência e produtividade, que são as características básicas da chamada pedagogia tecnicista (SAVIANI, 2005, p. 90).

Com a Lei 5.692 de 1971, tenta-se universalizar a educação profissionalizante no ensino de 2º grau. Porém durante essa década iniciou-se um processo de críticas a esse modelo de educação defendido pelo governo. Nesse período, muitos pesquisadores realizaram críticas à educação oficial e interligaram essa proposta educacional com o Regime Militar, autoritário e tecnocrático. De acordo com Saviani (2005, p. 90), “procurou-se empreender a crítica da educação, pondo em evidência seu caráter reprodutivista, isto é, o papel de reprodução das relações sociais de produção”.

Saviani chamou essa corrente de “crítico-reprodutivista”, cujo nome se explica por sua função de reproduzir as relações sociais vigentes, não apresentando uma proposta pedagógica. Segundo esse autor:

[...] dada uma sociedade capitalista, sua educação reproduz os interesses do capital. Esta concepção serviu para municiar a denúncia da pedagogia oficial dominante e, no período entre 1975 e 1978, era confundida com a concepção dialética (SAVIANI, 2005, p. 91).

Discorrendo ainda sobre essa teoria crítico-reprodutivista, Saviani (2005, p. 92) observa que:

[...] a sociedade capitalista, de classes, como algo não susceptível a transformações, um fenômeno que se justifica em si mesmo; uma estrutura que se impõe compactamente, portanto, de forma não contraditória, dinâmica e, portanto, em transformação.

Ferreira Jr. (2010, p. 13) também realizou uma pesquisa sobre essa educação escolar na sociedade burguesa e, ao analisá-la, concluiu que, até os dias atuais, essa escola “[...] manteve-se em perfeita sintonia com o processo de desenvolvimento econômico autoritário e concentrador de renda, historicamente, imposto à sociedade brasileira”. Esse pesquisador considera que desde o Brasil colônia a escola já estava presente no país, no entanto, ela já se apresentava também como elitista e excludente, pois era destinada a poucas crianças, e que foi somente na segunda metade do século XX que a classe trabalhadora começou a conquistar o seu acesso, porém “[...] foram privadas dos conhecimentos clássicos universalmente reconhecidos pela humanidade. [...] Agora as crianças das classes populares frequentam a escola, mas são privadas do conhecimento” (FERREIRA JR., 2010, p. 13).

A partir das leituras realizadas da obra de Ferreira Jr. (2010), entendemos que essa questão da importância da escola se faz presente até os dias atuais, pois a escola tornou-se universal, porém, a escola pública para os filhos da classe trabalhadora está destituída de um projeto pedagógico que vise à transmissão do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade. A educação no Brasil, na década de 1990, sofreu forte golpe dos governos conservadores como “Fernando Collor de Mello (1990-1992), Itamar Franco (1992-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 e 1999-2002)”. Esses governos implementaram políticas neoliberais orientadas pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional (FMI), afetando principalmente a educação, com redução de investimento, cortes nos orçamentos, privatizações e sucateamento da escola pública, tanto básica como superior (FERREIRA JR., 2010, p. 108).

As mudanças nas políticas educacionais no país afetaram diretamente as escolas e as crianças, principalmente as de 7 a 14 anos, que foram segregadas civil e culturalmente. Com relação a essa questão, Ferreira Jr. (2010, p. 109) nos informa que:

Em 2000, por exemplo, eram mais de 30 milhões de alunos frequentando o ensino fundamental público. Desse contingente de crianças matriculadas no ensino obrigatório público de oito anos, três milhões eram reprovadas e 27 milhões submetidas a um processo educacional miserável do ponto de vista do capital cultural clássico historicamente acumulado pela humanidade, pois o desempenho escolar em disciplinas como o português e matemática indicavam o que alguns estudiosos denominam de “formação intelectual indigente”, coroando um século de reformas malsucedidas e de políticas educacionais ineficientes.

Dessa forma, o problema de acesso à escola estava solucionado, a classe trabalhadora tinha o acesso à escola, porém esta não era de qualidade, as classes populares não eram excluídas pela ausência da escola e sim por ela não garantir transmissão do saber científico acumulado historicamente pela humanidade. Assim, o “Brasil chegou ao final do século XX, depois do fim da ditadura militar (1985) e da promulgação da Constituição de 1988, sem ter conseguido resolver a questão da escola pública para todos e com boa qualidade de ensino” (FERREIRA JR., 2010, p. 109).

Em consonância com isso, embora os homens produzam a cultura e todas as outras atividades coletivamente, por meio do trabalho, a classe trabalhadora é impedida de se apropriar dessas produções. Com relação a essa questão, Pasqualini e Mazzeu (2008, p. 84) entendem que “[...] nessa sociedade os meios de produção são privados, também os são os meios de apropriação dos resultados dessa produção, dentre os quais se encontram a ciência, a filosofia e a arte”.

Pedagogia Histórico-Crítica

Preocupado com a questão da educação escolar para os filhos das classes subalternas, Saviani passou a desenvolver uma teoria da educação voltada aos interesses e necessidades da classe trabalhadora, fundamentada no materialismo histórico-dialético, contrapondo-se à teoria liberal em educação. Para Saviani, essa tarefa se justificava por sua insatisfação com a insuficiência das abordagens marxistas da educação, já que delas não emergia uma teoria da educação ou uma pedagogia marxista fundamentada em Marx, Engels, Lenin e Gramsci. Além disso, esse autor estava preocupado em elaborar uma proposta que contribuísse com a constituição de uma educação que transmitisse conhecimento elaborado, científico para as crianças, filhos da classe trabalhadora. Sobre os fundamentos de suas ideias, esse autor assevera que:

A fundamentação teórica da pedagogia histórico-crítica nos aspectos filosóficos, históricos, econômicos e político-sociais propõe-se explicitamente a seguir as trilhas abertas pelas agudas investigações desenvolvidas por Marx sobre as condições históricas de produção da existência humana que resultaram na forma da sociedade atual dominada pelo capital. É, pois, no espírito de suas investigações que essa proposta pedagógica se inspira. Frise-se: é de inspiração que se trata e não de extrair dos clássicos do marxismo uma teoria pedagógica. Pois, como se sabe, nem Marx, nem Engels, Lênin ou Gramsci desenvolve-

ram teoria pedagógica em sentido próprio. Assim, quando esses autores são citados, o que está em causa não é a transposição de seus textos para a pedagogia e, nem mesmo, a aplicação de suas análises ao contexto pedagógico. Aquilo que está em causa é a elaboração de uma concepção pedagógica em consonância com a concepção de mundo e de homem própria do materialismo histórico (SAVIANI, 2007b, p. 420).

A partir da fundamentação teórica no materialismo histórico dialético, Saviani enfrenta questões referentes ao método pedagógico, destacando questões como conteúdo, o conhecimento e a ação do professor, a partir da inserção da educação nas relações sociais. Esse autor entende que:

Se a educação é mediação no seio da prática social global, e se a humanidade se desenvolve historicamente, isto significa que uma determinada geração herda da anterior um modo de produção com os respectivos meios de produção e relações de produção. E a nova geração, por sua vez, impõe-se a tarefa de desenvolver e transformar as relações herdadas das gerações anteriores. Nesse sentido, ela é determinada pelas gerações anteriores e depende delas. Mas é uma determinação que não anula a sua iniciativa histórica, que se expressa justamente pelo desenvolvimento e pelas transformações que ela opera sobre a base das produções anteriores. À educação, na medida em que é uma mediação no seio da prática social global, cabe possibilitar que as novas gerações incorporem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais (SAVIANI, 2005, p. 143).

A pedagogia histórico-crítica se articula de forma crítica à sociedade, a partir do entendimento de que sua estrutura é marcada pelo antagonismo de classes, cujos interesses são irreconciliáveis. Portanto, caminha em desencontro aos interesses da classe dominante, gerando embates no interior da educação. Seus defensores devem buscar construir a hegemonia dos subalternos no interior da escola, instrumentalizando e adequando este espaço aos interesses da classe trabalhadora.

Os esforços de Dermeval Saviani contribuíram para que ele elaborasse seu pensamento pedagógico quando era docente no programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na década de 1970. Esse autor nos informa como se deu esse processo:

As ideias que vieram a constituir a proposta contra-hegemônica denominada 'pedagogia histórico-crítica' remontam às discussões travadas na primeira turma do doutorado em educação da PUC-SP em 1979. A primeira tentativa de sistematização deu-se no artigo 'Escola e Democracia: para além da teoria da curvatura da vara', publicado no número 3 da Revista da Anede, em 1982, que, em 1983, veio a integrar o livro *Escola e Democracia*. Esse livro, conforme foi assinalado no prefácio à 35ª edição, redigido em agosto de 2002, pode ser lido como o manifesto de lançamento de uma nova teoria pedagógica, uma teoria crítica não-reprodutivista ou, como foi nomeada no ano seguinte após seu lançamento, pedagogia histórico-crítica, proposta em 1984 (SAVIANI, 2007b, p. 418-419).

Foi a partir de seus estudos e de sua prática docente junto aos alunos da Pós-Graduação que esse autor começou a discutir de forma mais ampla a abordagem dialética na educação. "Os esforços deixaram de ser individuais, isolados, para assumirem expressão coletiva" (SAVIANI, 2005, p. 70). Sua proposta pedagógica surge justamente para:

[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, sua perpetuação (2005, p. 93).

Esse filósofo e educador continuou com seus estudos e pesquisas, publicando em 1983, na revista da Associação Nacional de Educação (ANDE)³, um texto científico no qual esboçou os fundamentos de sua proposta pedagógica. Esse artigo científico, posteriormente veio a fazer parte do livro *Escola e Democracia*, publicado em 1983. Segundo Saviani:

Escola e Democracia II: para além da teoria da curvatura da vara, que veio a constituir o capítulo III do livro *Escola e Democracia*, cuja primeira edição é de 1983. Nesse texto, estão esboçadas as linhas básicas daquilo que posteriormente viria a ser chamado de pedagogia histórico-crítica, que, mantendo a terminologia utilizada no artigo anterior por razões polêmicas, aparecia com o nome de pedagogia revolucionária. A denominação histórico-crítica veio como um desdobramento desse processo. Na PUC-SP, os alunos passaram a me cobrar a oferta de uma disciplina optativa que aprofundasse o estudo da pedagogia revolucionária (SAVIANI, 2005, p. 138 -139).

³ Revista da Associação Nacional de Educação nº 3.

A pedagogia histórico-crítica surgiu como uma proposta pedagógica que visava a “[...] transformação da sociedade e não a sua manutenção, perpetuação” (SAVIANI, 2005, p. 93). Ao analisar os pressupostos dessa pedagogia, Pasqualini e Mazzeu entenderam que:

A pedagogia histórico-crítica compreende a atividade educativa como um processo de humanização dos indivíduos, devendo ser, portanto, ato consciente e intencional de produção e reprodução, em cada indivíduo singular, da humanidade construída histórica e coletivamente pelos homens. Isso porque, diferentemente dos demais animais, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência, o que só é possível por meio de sua atividade essencial, o trabalho (PASQUALINI; MAZZEU, 2008, p. 78).

Ainda segundo as autoras, a proposta pedagógica de Saviani vem se constituindo, ampliando na sociedade e se posicionando de:

[...] forma radical, frente às concepções de educação preconizadas pela ideologia liberal. Esta última apresenta como “objetivo proclamado”, a necessidade de universalização da escola pública, mas promove seu esvaziamento, por meio da crítica ao conhecimento elaborado, da sobrecarga da escola com funções sociais que não lhe são próprias, associada a um crescente descrédito em relação à educação escolar (PASQUALINI; MAZZEU, 2008, p. 85).

Dessa forma, a pedagogia histórico-crítica se posiciona em favor da classe trabalhadora e dominada, que luta pela superação da divisão da sociedade de classes, criticando os interesses da classe dominante e defendendo a “[...] especificidade da educação escolar e da atividade de ensino, visando a garantir a socialização dos elementos culturais essenciais à formação dos indivíduos humanos” (PASQUALINI; MAZZEU, 2008, p. 85).

Com relação à importância da escola pública, Saviani é enfático na sua defesa, afirmando que a mesma é fundamental para a transmissão do conhecimento para as crianças da classe trabalhadora. Ao analisar essa escola, Saviani observa que ela tem:

[...] uma função especificamente educativa, propriamente pedagógica, ligada à questão do conhecimento; é preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar (SAVIANI, 2005, p. 98).

Esse mesmo autor entende ainda que a escola pública básica é

[...] importante para todos, que a alfabetização deve ser acessível a todos é o óbvio. No entanto, isso fica obscurecido por toda uma série de tergiversações as quais servem para retardar a consecução desse objetivo, contemporizar e prolongar as desigualdades vigentes (SAVIANI, 2005, p. 100-101).

A secundarização da escola para a burguesia é uma tendência favorável, pois estamos inseridos numa sociedade de classes. Dessa forma não se torna viável para a elite a universalização de uma escola público estatal para a classe trabalhadora e que transmita conhecimento científico, ocorrendo neste sentido o esvaziamento de conteúdo desta escola, desvalorizando-a, o que segundo Saviani tem seu objetivo em “reduzir o seu impacto em relação às exigências de transformação da própria sociedade” (SAVIANI, 2005, p. 98).

A escola é, pois, compreendida como base no desenvolvimento histórico da sociedade; assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes, a uma sociedade socialista. É dessa forma que se articula a concepção política socialista com a concepção pedagógica histórica-crítica, ambas fundadas no mesmo conceito geral de realidade, que envolve a compreensão da realidade humana como sendo construída pelos próprios homens, a partir do processo de trabalho, ou seja, da produção das condições materiais ao longo do tempo (SAVIANI, 2005, p. 103).

Ainda segundo este autor:

[...] a educação é, sim, determinada pela sociedade, mas que essa determinação é relativa e na forma da ação recíproca – o que significa que o determinado também reage sobre o determinante. Consequentemente, a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação (SAVIANI, 2005, p. 93).

Ele ainda discorre sobre a importância da educação escolar, entendendo que na medida em que ela possibilitar aos dominados terem o mesmo acesso ao conhecimento científico historicamente construído e acumulado na sociedade, justamente aqueles que os dominantes dominam, mas excluem os dominados, estes dominados passarão a questionar essa sociedade e sua forma de ser, contribuindo para uma ação política questionadora. Portanto, essa escola não será dádiva da burguesia, sendo que teremos que lutar para que ela desempenhe um papel pedagógico crítico.

Torna-se fundamental destacar que a educação está inserida na sociedade capitalista, marcada pela dominação de classe. A classe dominante não possui nenhum interesse na transformação histórica da escola; pelo contrário, empenha-se na manutenção de seu domínio. Sendo a escola determinada socialmente, coloca-se a seguinte questão: “[...] é possível articular a escola com os interesses dos dominados?”. A resposta apresentada por Saviani é positiva, porém, realista, pois: “[...] o caminho é repleto de armadilhas, já que os mecanismos de adaptação acionados periodicamente a partir dos interesses dominantes podem ser confundidos com os anseios da classe dominada” (SAVIANI, 2007a, p. 31)

Torna-se urgente compreendermos essa sociedade e como ela funciona, para buscarmos entender também a escola que temos e como ela se manifesta no atual período histórico. Ao discorrer sobre essa mesma questão, Oliveira (1996, p. 56) concorda com as assertivas presentes na obra de Saviani, por entender que:

Educar não é somente educar sujeitos para esta sociedade, mas sujeitos que a transformem, tendo em vista determinados valores que sintetizam as possibilidades já existentes historicamente do homem humanizar-se e que, como tal, caracterizam o ser do homem enquanto síntese das múltiplas determinações.

Essa autora considera ainda que Saviani, “Não vê a educação como um processo que produz diretamente a transformação social. A educação não transforma imediatamente a sociedade. Ela transforma de forma mediatizada” (OLIVEIRA, 1996, p. 56-57). Ela discorre ainda em sua análise, defendendo os pressupostos presentes na produção de Saviani, pois assim como ele, ela entende que:

O processo de transformação que se dá pela educação refere-se não ao processo de transformação no plano das condições materiais da estrutura social em que vivemos, mas no plano da transformação das consciências. E as consciências são os sujeitos que atuam na prática social. E será o conjunto da prática social que gerará a transformação da sociedade (OLIVEIRA, 1996, p. 57).

Dessa forma, o processo de formação do homem é um processo educativo, que deve levar em consideração o aluno como pertencente de uma cultura, sendo um indivíduo que se relaciona com outros homens, aprendendo assim também pela mediação de outras pessoas, “[...] o fato de o gênero humano ser externo ao homem impõe a necessidade da apropriação da cultura humana, a fim de que o indivíduo possa objetivar sua própria existência” (PASQUALINI;

MAZZEU, 2008. p. 80).

Segundo Saviani (2005), torna-se fundamental resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar. Esse autor tece críticas ao aligeiramento do ensino destinado aos filhos da classe trabalhadora, pois ele seria destituído de conteúdo. Deve-se priorizar o conteúdo no trabalho pedagógico dos professores, pois são “[...] fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa”. Sendo assim, devemos ter uma atuação no interior da escola pública segundo a máxima “[...] a prioridade de conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino” (SAVIANI, 2007a, p. 55).

A transmissão do conhecimento científico se dá pela escola, portanto esta é fundamental neste processo de transmissão do saber. Compreender essa escola e o seu papel no processo de educação de milhões de filhos das classes subalternas é fundamental para continuarmos na luta por sua manutenção, lutando também para que ela tenha qualidade nos conteúdos.

Não se trata meramente da valorização dos conteúdos ou da qualidade do ensino, mas de um processo de transformação cujo objetivo a ser alcançado é o fim da divisão do trabalho que caracteriza o modo de produção capitalista. Movimento que ganha maior potência ao expressar-se por meio de uma concepção pedagógica revolucionária, fundamentada não somente no conteúdo técnico-científico, mas na prática social transformadora, cujo norte é a superação da unilateralidade dos subalternos, elevados à capacidade dirigente.

Nesse sentido, a escola pode certamente contribuir para um processo de transformação da sociedade em que estamos inseridos, porém necessita da “socialização do saber elaborado, por meio de uma prática orientada por fins determinados de forma intencional e consciente” (PASQUALINI; MAZZEU, 2008, p. 85).

É preciso, pois, que nós, educadores inseridos nas instituições escolares, nos dediquemos a socializar os instrumentos de análise e compreensão da realidade social, por meio da transmissão, a cada indivíduo singular, do patrimônio cultural, filosófico, científico e estético acumulado pelo gênero humano (PASQUALINI; MAZZEU, 2008, p. 85).

Ao analisarem também esse processo visando à transformação da sociedade, Pasqualini e Mazzeu (2008, p. 85) entendem que:

O desvelamento dessas questões, pela pedagogia histórico-crítica, revela sua característica fundamental, que consiste em se colocar como aliada da classe dominada, na luta pela superação da sociedade de classes. Tal posicionamento se evidencia na crítica aos interesses da classe dominante, presentes nos ideários pedagógicos contemporâneos (apresentados como expressão legítima, consensual e universal), bem como na defesa da especificidade da educação escolar e da atividade de ensino, visando a garantir a socialização dos elementos culturais essenciais à formação dos indivíduos humanos.

A partir do exposto, entendemos ser fundamental o trabalho do educador, que deve ser comprometido com a formação plena, integral, omnilateral do ser social. Nesse sentido é que concordamos com as assertivas de Pasqualini e Mazzeu (2008, p. 88), quando entendem que:

Sendo assim, o trabalho educativo, tomado como atividade mediadora no seio da prática social, deve ser compreendido e realizado de forma intencional, regido pela finalidade de garantir a universalização das máximas possibilidades geradas pelo processo histórico de desenvolvimento do gênero humano a todos os indivíduos, indistintamente. Tendo em conta o papel da educação escolar e do trabalho educativo, na pedagogia histórico-crítica, é imperativo que o educador estabeleça uma relação consciente com o significado de sua atividade, ou seja, com o compromisso histórico que a tarefa de preparar as novas gerações demanda, tanto no que se refere à formação do educando como indivíduo singular, quanto no que refere à produção e reprodução da própria.

Saviani concebe a educação enquanto atividade:

Mediadora no seio da prática social global, [...] comprometida com a elevação das consciências das massas, e esse processo de elevação das consciências é uma parte integrante, necessária e fundamental do próprio processo de transformação social. Assim ele assume uma posição de classe dentro da sociedade dividida em classes antagônicas e sua proposta de construção de uma pedagogia histórico-crítica implica num posicionamento de classe (OLIVEIRA, 1996, p. 57).

A partir do exposto pelo autor é que consideramos fundamental o posicionamento de classe do professor, que no processo educativo age com intenção para a formação desse ser social crítico. Essa educação crítica depende também do posicionamento dos professores e do seu comprometimento para a formação plena das crianças e jovens.

Considerações Finais

Discorreremos, neste texto, sobre o papel estratégico da escola pública no processo de formação dos filhos da classe trabalhadora, pois é nesta escola que milhões de crianças pobres se dirigem todos os dias para estudar. Nos fundamentamos principalmente na obra de Dermeval Saviani para entendermos a educação brasileira contemporânea e sua importância no processo de formação do homem. Entendemos que o professor tem papel relevante nesse processo, pois o seu compromisso com a transmissão do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade é que contribuirá para a formação de seres sociais críticos nesta sociedade de classes. Nesse sentido, compreendemos ser a Pedagogia Histórico-Crítica fundamental para que esse processo ocorra na escola, pois a mesma contribui para que os professores desenvolvam um trabalho pedagógico na perspectiva crítica, visando a transformação da sociedade.

Referências

FERREIRA JR., A. **História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

OLIVEIRA, B. **O Trabalho Educativo: Reflexões sobre Paradigmas e Problemas do Pensamento Pedagógico Brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 1996.

PASQUALINI, J. C.; MAZZEU, L. T. B. **Em defesa da escola: uma análise histórico-crítica da educação escolar**, 2008. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/627/510>. Acesso: ago. 2015.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 39. ed. Campinas: Autores Associados, 2007a.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007b.